

## “A DANÇA DA VERDADE”: BAUSCH e HEIDEGGER

TAIS CHAVES PRESTES<sup>1</sup>; SÔNIA MARIA SCHIO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – taischavesprestes@hotmail.com1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – soniaschio@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa originou-se de um seminário apresentado na disciplina: Heidegger: ontologia e humanismo (*Ser e Tempo* e *Sobre o Humanismo*) e discorre sobre um primeiro contato com a obra *A Origem da Obra de Arte* do Filósofo alemão Martin Heidegger relativo ao primeiro semestre do curso de Especialização: Temas da Filosofia Contemporânea pelo PPGFil- UFPel.

A partir do questionamento “Há possibilidade de relação entre as distintas esferas artísticas?” pode-se perceber que na obra de Heidegger *A Origem da Obra de Arte* há um conteúdo com a densidade necessária para responder afirmativamente à questão. A fim de enriquecer tal proposta, e como exemplo para demonstrar como a dança, enquanto “obra de arte” pode permitir o acesso à verdade para o ser humano, único Ente que porta um Ser e pode assumir existencialmente isso, como apregoa Heidegger, a dança-teatro da bailarina contemporânea, também de origem alemã, Pina Bausch é uma forma de arte bastante esclarecedora: sua “dança-arte” tem como mote, em suas composições, elementos da vida e do cotidiano para a criação em dança, facilitando, desta forma, a articulação de compreensão acerca da obra Heideggeriana.

Para tanto se torna necessária a utilização de uma bibliografia que proporcione o entendimento destas relações, neste caso o estudioso João Francisco Duarte Junior (entre outros), pois aborda a questão estética com propriedade e apresenta linhas de interpretações acessíveis, fazendo conexões diretas com elementos da vida e do cotidiano, bem como sobre os sujeitos principais da pesquisa.

### 2. METODOLOGIA

Nesta pesquisa, que se baseia na revisão bibliográfica, enfatiza-se que a análise da produção em arte pode ser entendida como aquela que permite um acesso mais direito à verdade, busca constante do ser humano. Em outros termos, o homem e a mulher desejam conhecer o todo, o que pode ser feito por meio das mais variadas linguagens.

As artes, pela sua multiplicidade, plasticidade e diversidade de maneiras de exposição, permitem, por meio de suas diferentes linguagens, acesso à verdade buscada pelos seres humanos. E a dança, também pela variedade de apresentações que porta, é uma “abertura”, uma “clareira” de onde podem ser vislumbrados diversos sentidos.

Para tanto, a metodologia é analítica, descrevendo para poder aproximar as duas áreas de conhecimento: a Filosofia e a Dança, utiliza como método auxiliar o interpretativo, o qual se faz presente tanto na leitura filosófica quanto, e especialmente, das diversas artes, momento em que a Dança não fica excluída. O

método de procedimento comparativo permite um aprofundamento maior no trato do tema.

A ênfase deste estudo, entretanto, recai no último tópico do livro “A verdade e a arte”, em que Heidegger trata do que denomina de “combate” entre o mundo e a terra, numa relação poética (o exemplo para o estudo é o quadro “Um par de sapatos” de Van Gogh, de 1885), fazendo conexões quanto ao surgimento da obra. Assim, é possível expor a natureza da obra de arte, bem como do artista, ou seja: o surgimento de ambos.

Para solidificar a pesquisa, é preciso elencar a composição coreográfica *Café Müller* em que Pina Bausch mostra claramente os componentes do cotidiano em sua obra tendo a repetição e a transformação dos movimentos “técnicos, cotidianos e funcionais (...) buscando e explorando os meios da dança-teatro” (FERNANDES, 2000) como elementos em potencial a serem articulados com a obra Heideggeriana, mostrando que “movimentos pessoais produzem os sociais e vice-versa, num constante diálogo re-definindo indivíduo e sociedade.” (FERNANDES, 2000).

Como procedimento para compreensão e possível relação entre os temas em questão, busca-se perceber as obras destacadas a partir de cada ser humano, pessoa que sente (estética) e que pensa, atuando, neste sentido, como espectador, como corpos que cada um é (DUARTE JR, 2001), pois este é um dos principais motes para início das reflexões. Se assim não fosse, compreender a obra a partir da obra acarretaria num processo desgastante e dificultoso em nível de entendimento da mesma, momento em que o “ser”, cansado, entediado, acabaria por optar pela superficialidade, pela “dejeção”, pela perda no impessoal.

Tendo o cotidiano como um grande ambiente com poder anestésico e, por conseguinte, com material suficiente para o bloqueio da capacidade sensível (DUARTE JR, 2001) entende-se que justamente por isso, ele pode ser entendido como objeto estético de ambas as obras. Tanto em *A Origem da Obra de Arte* como em *Café Müller* pode-se perceber que as obras são “abertas” tanto para o mundo quanto para o ser, isto é, enquanto “acontecer da verdade”.

A obra, expondo linguagem distintas e ao mesmo tempo tão próximas em sua capacidade de comunicação, pode redefinir ambos: nela, está em obra na obra, movimento constante, nunca acabado, abrindo sempre horizontes para o ser. Ambas mostram-se em processo, porém o produto final é definido a cada olhar de um espectador, e válido somente para ele, ser único. Nunca são os mesmos de ontem, nem obra, nem ser, pois o mundo as alterou, cabendo ao ser humano ressignificar ambos: obra e mundo, e junto a estes, a si mesmo no mundo, se desconsiderar os tantos outros olhares e elementos mundanos: a intersubjetividade.

Enquanto isso, ao analisar-se Heidegger e Bausch, há a reeducação do “saber sensível e intuitivo próprios a cada um de nós”, entende Duarte (DUARTE JR, 2001).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao relacionarmos a obra do Filósofo com as obras coreográficas da bailarina, pode-se perceber que há uma enorme gama de ligações e de relações possíveis, as quais podem qualificar o humano, mas também ampliar as reflexões ao permitir novos vieses para a análise, intuito visado pelo presente trabalho. Quais sejam: ambos tratam com questões de mundo e usam a vida como elemento em potencial,

bem como “fio condutor” de suas produções. Tanto Heidegger como Bausch permitem a discussão, a pesquisa e a reflexão acerca da obra a partir de cada Ser, e não apenas da obra, sua materialidade e seu contexto. Dessa forma, ao retratar a arte, a poesia (ou seja: a linguagem poética) a obra causa um estado estético, sensível perceptivo, momento este em que se pode perceber a capacidade sensorial, o corpo, a vida, experienciando uma reação estética; assim sendo, vivencia-se a si, ao mundo por meio da obra. Em outros termos, acessa-se a verdade que a obra expõe.

Deste modo, a maneira que o homem (Ser) vivencia a arte permite elucidar sobre sua essência enquanto a obra expõe a essência da linguagem, abrindo espaço para o espectador vislumbrar a verdade, o todo, podendo perceber-se como parte dele, incluído, responsável, e não contrário.

A pesquisa encontra-se em fase inicial, por isso as descobertas, isto é, as possibilidades de aprofundamento do tema proposto, estão ainda em curso, e gerando surpresas. Ou seja, a possível relação entre Filosofia e as esferas artísticas, neste caso a Dança estão em um movimento de esclarecimento do ser de cada uma, e abrindo espaços para novas indagações. As conexões entre os conteúdos desta pesquisa mostram-se evidentes e relevantes quando analisados seus conceitos e propostas estéticas.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir da presente investigação, alargam-se os horizontes interpretativos: reconsiderar a relevância da práxis como Licenciada em Dança; iniciar e aprofundar os conteúdos desta arte com os fundamentos filosóficos; e aperfeiçoar os conhecimentos nesta pesquisa sobre Heidegger e o tópico “A verdade e a arte” na obra *A Origem da Obra de Arte*.

Ao relacionar a dança, tendo como exemplo o modo de composição da bailarina de dança-teatro Pina Bausch, com a obra filosófica elencada, percebe-se a amplitude da composição pensada ao mesmo tempo numa unidade essencial com a linguagem em aberto em todas as suas instâncias e formas de existir, do verso à obra no museu, abrindo a essência da composição ao mundo e ao espectador (é preciso não descuidar a importância do ser perceber-se como “ser-no-mundo”). Ao fazer tal imprescindível relação, dança e filosofia, apreende-se que todo “criar a obra” exige um tirar, pois automaticamente se utiliza de elementos da terra e do mundo, enfatizando este combate empírico, incitado teoricamente pela obra heideggeriana, e constituindo este projeto compositor da verdade.

A obra enquanto um tornar-se e acontecer da verdade comprova a arte enquanto resguardo: a composição em obra na obra, e a obra quando posta em si como acontecimento da verdade. Desta forma, a arte expõe a verdade e mostra que é ela quem essencializa o combate entre mundo e terra na obra. Mas ela não expõe apenas, pois ela também esconde a verdade, cabendo ao humano a desvelar, a buscá-la sem medo, sem ressalvas: é o movimento, tão bem exposto pela dança, que mostra-e-esconde sua essência ao mesmo tempo.

Sua verdade está na criação e vice-versa: em sua origem está quando ela e o artista, de fato, acontecem e passam a existir. Assim como nas obras de Bausch a verdade em *A origem da Obra de Arte*, só ocorre quando segue ao encontro do combate e espaço de jogo, com seus limites e regras para assim existir.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUARTE JR, J. F. **O Sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2001.
- FERNANDES, C. **Pina Baush e o Wuppertal dança-teatro: repetição e transformação**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- HEIDEGGER, M. **A Origem da Obra de Arte**. Trad. Maria da Conceição Costa, Lisboa/ Portugal: Edições 70, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MOOSBURGER, L. B. **“A origem da obra de arte” de Martin Heidegger: Tradução, Comentário e Notas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Curso de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal do Paraná.
- VEIGA, I; SCHIO, S. (org). **Heidegger e sua época 1920-1930**. Porto Alegre: Clarinete, 2012.